

O ESPOZENDENSE

Semanario defensor dos interesses deste concelho—(Fundado em 1886)

Director, propriet. e administrador—José da Silva Vieira. Editor—Manoel Joaquim de Boaventura. Composição e imp.—Typ. Espozendense—Espozende

ASSIGNATURA —Anno, sem estampilha 12200 rs.—Número avulso 40 rs.—
PAGAMENTO ADEANTADO Com estampilha 12360 rs.—Brazil, (Moeda forte) 22500 rs.
Redacção e administração—Rua Veiga Heitner, 7 a 9—Espozende.
O pagamento dos annuncios é feito adiantadamente no acto da entrega do original.

ANNUNCIOS Linha, ou esp. de linha a 40 rs.—Comunicados ou reclames (secção SECCÃO COMPETENTE 100 rs.—Imposto do sello (cada public.) 10 rs.—Os assign. tem 25º de desconto. Annunciam-se todas as obras literarias e scientificas mediante um exemplar. Annuncios annuaes, contracto especial. Os originaes não publicados não se restituem.



ESPOZENDE NA GUERRA

Dr. Ramiro Barros Lima

A nossa homenagem

JOl em julho de 917, se não estamos em erro, que aqui mesmo, neste lugar prestamos o preito da nossa homenagem e disse-mos duas palavras de despedida a uns illustres conterrâneos nossos que iam longe, a inhospitas plagas dos sertões africanos e ás planuras verdes da França, prestat o seu auxilio, em prol da civilização, contra a barbarie da *kultur* alemã.

O que então dissemos orgulha-nos de termos acertado: esses soldados da causa santa da civilização, honraram lá fora nos perigos inumeraveis que acarreta o *casus belli*, o nome da Patria sempre querida.

Honraram-na e nem outra coisa era de esperar de quem usava, como brazão, dois dos mais illustres nomes da nossa terra: Barros Lima e Barros, d'Antas.

Poucas familias em Portugal deram, como estas, tão numeroso contingente para o exercito: quasi todos os seus membros foram chamados ás fileiras. E, uns para França, outros para Africa—todos eles sentiram o cheiro acre da metralha, ouviram o estrondeo do canhão, escutaram os gritos lancinantes dos que morriam no campo da honra!

Muitos devia haver que se amedrontaram e fugiram. Outros nem sequer lá foram. Conheçemo-los. São quasi todos da falange de *heróis* que diziam: «temos de ir para a guerra: preparemo-nos e partam quanto antes!»

Mas o caso é que estes, os Barros Limas e Barros, foram, e com eles, e a par deles, mais de cem nomes obscuros de humildes, mas destemidos soldados.

Todos se expuzeram aos perigos, batalharam com denodada bravura e valentia, para sua honra e para bem da terra que lhes foi berço. Por certo que nenhum deles olhou para traz, por certo que nunca tiveram receio dos perigos nem medo da morte que por todos os lados os espreitava e ameaçava.

Honra a eles! A terra do seu berço lho agradece reconhecida.

Chegou no sábado passado a esta vila—a sua querida terra natal, o illustre capitão-médico, sr. Dr. Ramiro Barros Lima.

Caso banal este, o da chegada dum homem que ha longos meses, lá fora, em inhospitas plagas, vem de sacrificar-se em prol da civilização. Caso banal, é certo. Mas, para nós, o regresso ao seio dos seus deste illustre conterrâneo representa um pouco mais que o trivial. E' que Ramiro Barros Lima é uma simpática figura—um especimen autentico de portuguez da velha guarda: energico, decidido e valente.

Podia ter-se escusado, como outros á maçada estopante de se sujeitar aos climas mortiferos da Africa.

Mas como sabia que o homem, quando o é, só se dignifica nos pontos extremos, foi.

E foi porque o seu caracter lho impunha, e a sua comprovada coragem lho pedia.

Médico distinctissimo, lá fora, nessas inhospitas paragens da Africa, em meio dos sertões doentes, ele o sacerdote do Bem nunca se poupou a esforços para minorar a dor, nunca se negou a prestar auxilio a quem lho solicitava.

E assim o vemos nas suas varias fases de médico do Hospital, onde prestou serviços durante longos mezes, nos acam-

parat conforto a todos os feridos, dar alento aos proprios moribundos.

Medico distinctissimo, disse-mos...



DR. RAMIRO BARROS LIMA

Quem esta linhas escreve ouviu um dia, no Porto, um dos mais famosos operadores do norte dizer-lhe: «V. tem em Espozende um médico notabilissimo: o Barros Lima. Numa grande cidade ele faria um nome.

As saudações de boas vindas, o preito sincero da nossa homenagem.

Aos grandes que notabilizam a Patria—todos os votos da nossa sincera estima são poucos.

AO PATRIOTA EXIMIO

Espozende orgulha-se com fundado motivo de receber entusiasticamente um dos seus filhos mais illustres que acaba de chegar das regiões adustas da africa onde foi prestar, como medico distincto que é, os seus serviços a bem da humanidade.

O Dr. Ramiro de Barros Lima, a quem nos referimos, foi sempre um estudante laureado e um caracter da elite, que trouxe da vetusta Universidade de Coimbra uma bella reputação scientificia.

Entre nós confirmou-a.

Homem novo com justas aspirações de gloria, partiu, como se sabe, sem o mais leve protesto para o continente negro, em serviço da sua alta e humanitaria profissão, quando a Patria d'elle careceu.

Nós que conhecemos de perto o Dr. Ramiro e as qualidades do seu gentilissimo coração, associamo-nos a este preito de justa homenagem prestada a uma individualidade de destaque pelo seu talento, caracter e virtudes sociaes.

Termino dando as boas vin-



Da esquerda para a direita: Capitão de art. Augusto de Barros; capitão de art. Carlos de Barros; tenente de engenharia Manuel de Barros Lima; capitão medico Ramiro de Barros Lima; alferes de Adm. Militar Lauro de Barros Lima e tenente medico Henrique de Barros Lima

pamentos, onde as circunstancias, o obrigaram a permanecer; e ali mesmo no *front* da Niasa, em contacto com o inimigo, sempre inesperado e traiçoeiro, seguindo as nossas tropas com a sua ambulancia,—um sorriso de iluminado a nublal-lhe a fronte, fazer prodigios de valentia,

Eu por mim julgava-me feliz em poder encontra-lo sempre a meu lado numa operação melindrosa.»

Estas palavras calaram fundo no nosso espirito de bairrista ferrenho.

Ao querido amigo Dr. Ramiro Barros Lima, com as nos-

das ao amigo correcto e alevantado que, tendo sabido honrar a sua patria, tanto ennobrece a terra que lhe foi berço.

Marinhas, 22-1-19.

P. Giesteira.

Bemvindos

Cheio de mil afazeres que os deveres do espinhoso cargo que exerço nos tem acarretado nestes ultimos tempos, chego a casa e encontro uma carta do velho amigo Silva Vieira a pedir-me duas linhas para uma pagina especial do seu jornal, dedicada ao dr. Ramiro Barros Lima, prestes a regressar ao ninho querido dos seus affectos, á sua e minha muito querida saudosa terra!

Valha-me Deus! Fora das lides da imprensa há um bom par de anos, descançado, como costuma dizer-se na linguagem dos do *metier*, assoberbado com telegramas ás dezenas dando conta das constantes tropelias praticadas por essa horda de autenticos malfeteiros que parecem apostados em subverter este pedaço querido da terra portuguesa, que poderei eu escrever em tal estado de espirito?

Duas palavras apenas? Regressa á nossa terra o Ramiro, diz-me o Silva Vieira. Eu sabia pelos jornaes que ele vinha a caminho, ele que eu vi partir cheio de fé, animado dos mais belos desejos de bem servir a nossa Patria, esta Patria que vem atravessando o periodo mais critico da sua existencia, este torrão abençoado onde todos nascemos que mãos criminosas de degenerados portuguezes querem levar á perdição!...

Eu vi-os partir, o Ramiro, o Henrique e o Manoel.

Deixaram-me as suas fotografias que conservo como as dos meus maiores amigos. Jantei com eles na vespera do seu embarque e pude ver então, como hoje, nesses tres moços tão honestos, tão briosos e tão patriotas, uns restos da alma portuguesa, pedaços queridos da minha terra querida que eles tanto tem sabido enobrecer!

E recordei então, como agora recordo, que um dia (como os anos passam!) um grande espozendense que se chamou Manoel Antonio de Barros Lima, num momento bem critico da minha vida, me disse—:«Seja sempre um bom cidadão; trilhe sempre o caminho do Bem e do Dever por honra da nossa terra!».

Deixem-me evocar a memoria dos mortos para incitamento dos vivos. Deixai-me, bons rapazes, filhos queridos do choro do espozendense, que, neste momento de incerteza para todos nós, eu vos diga cá de longe, que aquelas palavras do vosso Pae têm sido o vosso lema de todos os dias!

Tivessem vocês derreado a espinha diante dos vis politiqueros que não escolhem meios para conseguir fins; bajulassem, como muitos *heroes de farça*, os supremos regedores de todos os tempos e teriam ficado, como todos eles, a urdir na sombra das cavernas a obra demolidora que tem sido a nossa desgraça!

Mas não, diziam-o Ramiro. Nós partimos; nós queremos dar um grande e nobre exemplo de patriotismo, de abnegação e amor da Pátria. Partimos!...

E faltou-lhe acrescentar: Partimos porque... somos filhos de Manoel Antonio de Barros Lima.

Bemvindos, queridos amigos.

Guimarães—Janeiro—1919.

Mario Vieira

OS QUE VIERAM HONTEM

Tambem eu quero prestar a minha sincera homenagem aos heroicos soldados que, em prol da humanidade, vêm de contribuir para o Bem geral batalhando ao lado dos aliados contra os bárbaros.

A nossa terra deu um sofrível contingente. Já não digo esses bravos rapazes que das diversas aldeias do concelho foram lá fora dignificar o nome de Portugal; não sei o nome de todos e mencionar um ou outro seria tido á conta de menospreso. A seu tempo deve o *Espozendense* incetar a simpática campanha de os tornar conhecidos e de memorar os seus feitos.

Quando isso for—não se esqueça o paladino das velhas regalias concelhias de bater á minha porta: é que eu quero dizer a esses obscuros mas valentes soldados: vós sois dignos da bémquerença da Pátria agradecida.

Eu tenho hoje de dizer o que no meu fóro íntimo penso dos illustres conterrâneos nossos, que usam os nomes Barros Lima e Barros.

O Dr. Ramiro é o que todos sabem um homem sereno e prudente, um caracter limpo e dignissimo; um profissional distinto que todos os colegas são unanimes em reconhecer competente e sabedor.

O Dr. Henrique de Barros Lima é aquela simpática figura de rapaz sempre moço, sempre vivo na sua palestra ilucidativa e instructiva, sempre sonhador na sua velha ideia de ver prosperar a linda terra que lhe foi berço.

Na Africa, nos hospitais, nas ambulancias,—em meio do povoado ardente de calores ou na sombra falsa das florestas ele prestou sempre com humanitaria comiserção, com paciência e bonhomia o seu auxilio aos infortunados feridos que as agruras da guerra obrigava a

isso. Na sua bela alma deve ter calado fundo o mudo agradecimento dos que ele salvou da morte e o internecto obrigado dos muitos a quem restituiu a vida.

O terceiro irmão modesto, mas grande, é o de Manoel de Barros Lima.

Uma criança com o difficil curso de engenharia electricista da Escola de Liege, a mais famosa do mundo.

No serviço da especialidade de engenharia ele prestou o seu concurso com decisão e presteza, com vontade e energia.

De todos os Barros Limas é talvez ele o herdeiro mais directo dos modos e qualidades de pai—esse saudoso e sempre illustre espozendense que se chamava Manoel Antonio de Barros Lima.

Lembro-me que um dia, entrevistando-o sobre os seus contratempos na Belgica, quando do ataque alemão a Liege, o ouvi dizer, depois de lhe falarmos do grande perigo a que estivera sujeito.

«—Não; o estrondejar formidável dos canhões alemães não me metia medo: o que eu temia era pela sorte da quella boa gente, d'aquelas mulheres, d'aquelas creanças...»

... Daquelas mulheres, daquelas inofensivas creanças! Parece que só havia outra pessoa capaz de dizer uma coisa assim: era a boa, a humanitaria alma de seu pai.

E já que falamos destes que estiveram em Africa, digamos então duas palavras dos outros nossos illustres conterrâneos—os srs. capitães Augusto e Carlos Barros e Lauro Barros Lima, que em França, dignificaram o nome portuguez.

Augusto Barros tem sido o administrador do concelho. Ha muito que naquela repartição se não sentava um homem com tão alevantada e inergica envergadura. Tudo mudou e desapareceram os maus costumes e parece que o povo viu a seu lado o primeiro juiz de Berlim.

Na França prestou ele optimos serviços a que talvez brevemente nós possamos revelar.

Seu irmão Carlos foi um dos sobreviventes do 9 de Abril. Viu-se cercado de inimigos, mas a sua boa estrela salvou-o.

E' uma figura insinuante, alegre e simpática.

Muito empreendedor, tem um modo de ver especial sobre os destinos da patria e o progresso da nossa terra. Se for cumprido á risca, o seu projecto, Espozende será grande e ofuscará outras grandes terras.

Do Lauro Barros Lima, começo por dizer que é Alferes da Administração militar e que um pobre soldado que um dia me escreveu de França, disse: «o que vale á gente é o sr. Alferes Lauro Lima».

O Lauro é o excelente rapaz que todos conhecem e que não tem *simile* em bondade.

Como militar foi sempre um modelo de virtudes civicas e um denodado campeão das ideias aliadofilas. Lembra-me de o ouvir um dia, apoz a declaração de guerra—e era nessa altura uma creança!—discretar acerca das duas civilizações!—a germanica, impando de militarismo e a latina, blandiciada de humanitarismo e de paz. A sua opinião era de que o humanitarismo venceria o brutalismo. E assim aconteceu para bem de nós todos!

A todos eles, meus illustres conterrâneos, meus amigos de anos passados, com o abraço de felicitações, o desejo sincero de... escaparem de outras guerras.

M. B.

POSTAL

Dr. Ramiro B. Lima

Chegou do Continente Negro, este distinto amigo e abalitado clinico. Prolongado e aliviador suspiro, desoprime-nos o coração.

Bemvindo.

Fão, 23 de janeiro de 1919.

E. Veiga da Silva.

A proposito...

«Porque só na guerra se desenvolvem e fortificam as mais nobres virtudes do homem; é a guerra a melhor escola de educação civica de um povo, o cadinho onde se depuram as suas qualidades moraes, se avigoram as virtudes da raça, o campo onde se equalam os direitos e os deveres de todos os filhos da mesma patria. É na guerra que o sentimento da honra, o sacrificio no que póde ter demais elevado e sublime, o desinteresse, a abnegação e os sentimentos da collectividade, o patriotismo, tudo quanto ha de mais digno e nobre para a humanidade, se exalça ao mais alto grau. A guerra é moral quando compensadora e filha de um mal necessario, frutificadora de bens mais perenes do que os males que accarreta.

E a doença de que padece a nossa Patria é das que só a guerra pode curar, só ella poderá fazer despertar a nacionalidade do profundo abatimento em que jaz.

É uma crise moral, de caracter, que avilta e corroe, como o mais energico e virulento dos venenos, todas as camadas sociais da nossa pobre terra. O egoismo feroz e o pavor dos fracos, dos descrentes e dos tibios, são os dois factores dominantes, que avassalam consciencias, illaqueiam vontades e inergias. Só a guerra pois poderá fazer o milagre de a chamar á vida, á consciencia da realidade, da situação real na hora presente.

(Da Visão do Crente)

João d'Almeida.

NOTICIARIO

MONARQUIA

Pelo agradável motivo de dedicarmos este numero á illustre familia Barros Lima, não podemos informar, como pretendiamos, os leitores de todos os factos que se deram até á restauração, mesmo porque, esses factos já são do inteiro conhecimento dos leitores, limitando-nos pois a relatar o que se deu no concelho.

Na segunda-feira pela manhã já se sabia do grande acontecimento, que, pouco depois era confirmado por viajantes vindos do Porto, sendo aclamadissima e muito vitorizada por todas as pessoas, que se achavam na antiga Praça Conde de Castro, devido ao dia santo, ali aguardando que se abrissem as repartições.

Em todas as demais freguezias do concelho o continuo repicar dos sinos, provava bem, o enorme entusiasmo com que fei recebida, sobresahindo Fão, pela sua habitalidade numerosa, sendo nos demais plenamente aclamada e festejada.

Nesta vila, diversos grupos de cavalheiros e militares substituíram no meio de geraes aplausos as bandeiras do antigo regimen, pela do actual, erguendo-se muitos vivas á Patria, D. Manuel II, Familia Real e Paiva Couceiro.

NO TUMULO

Finou-se no domingo passado o sr. Jeronymo dos Santos Paturro, sobrinho do nosso amigo sr. Antonio Dias dos Santos competente e habilitado construtor naval.

O funeral que revestiu uma imponencia desusada, pela tocante simplicidade, demonstrou bem o quanto era querido o nome do mestre Antonio Dias dos Santos. O pessoal empregado nas construções tendo á frente os directores srs. José Gonçalves Linhares e Joaquim Fernandes da Benta, espontaneamente largaram o trabalho e foram acompanhar o funebre cortejo á necropole...

Durante os officios de corpo presente o mesmo pessoal de tochas empunhadas e acesas rodeavam a eça; prestando assim um preito de homenagem ao fallecido e á illustre familia á que pertencia.

Mais tarde cotisando-se entre eles resolveram mandar resar uma missa com o respectivo responso, no dia 28, pelas 6 e 1/2 da manhã. Foi auctor d'essa subscrição o menor Antonio Fernandes da Benta Sobrinho, aprendiz de carpinteiro.

A's illustres familias Paturro, Barros, Barros Lima, Souza, Dias dos Santos e Oliveira Pinto apresentamos as nossas condolencias.

Por absoluta falta de espaço, não podemos publicar os nomes, dos que assistiram ao enterramento.

ANNUNCIOS

Comarca d'Espozende

EDITOS de TRINTA

2.ª publicação

Pela comarca de Espozende, cartorio de terceiro officio, e no inventario orfanologico

a que se procede por fallecimento de Maria Ferreira Cardoso, viuva, que foi da freguezia de Apulia, correm editos de trinta dias, a contar da data da segunda publicação deste citando os herdeiros Manoel Dias Alvim, Manoel Ferreira Cardoso e mulher Perpetua d'Azevedo, e José Ferreira Cardoso e mulher, cujo nome se ignora, todos auzentes em partes incertas na Republica do Brazil, a fim de assistir a todos os termos até final do referido inventario.

Espozende, 23 de novembro de 1918.

O Escrivão do 3.º officio,

Abel Leite Pacheco.

Veriquei á exactidão.

O Juiz de Direito,

Veiga Rodrigues.

LIVROS-Compram-se

Compram-se um ou mais volumes da «Memoria acerca dos Caminhos de Ferro de segunda ordem no districto de Braga», pelo capitão de engenheiros, João José Pereira Dias, mandada publicar pela Camara Municipal de Espozende em 1881. Preferem-se exemplares que tenham o mapa da região com os traçados dos caminhos de ferro.

Quem tiver exemplares e queira dispôr delles queira dirigir-se a esta redação.

CONVITE

Os operarios do estaleiro, onde se construe a nave «S. Paio», convidam a familia do finado Jeronymo dos Santos Paturro, bem como os seus camaradas dos estaleiros de Espozende e Fão, a assistirem a uma missa que mandam rezar no dia 28, pelas 6 e 1/2 horas da manhã, na Matriz de Fão.

Os operarios do estaleiro de Fão